



CADERNO DE SUGESTÕES

Livro **Enciclopédia negra**
para jovens leitores

Autoria

Cristiane Fernandes Tavares
Especialista do Instituto Avisa Lá

Coordenação

Ana Carolina Carvalho
Érica de Faria Dutra
Coordenadoras do Instituto Avisa Lá



CADERNO DE SUGESTÕES DO(A) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

Livro

Enciclopédia negra para jovens leitores

Autores

Flávio dos Santos Gomes

Lilia Moritz Schwarcz

Ilustradora

Suzane Lopes

Indicação

8º e 9º anos — crianças a partir de 12 anos de idade

Gênero literário

Biografia

Conteúdo

Instituto Avisa Lá

Revisão

Ana Luiza Couto



SUMÁRIO

Carta de apresentação	IV
Por que ler <i>Enciclopédia negra para jovens leitores?</i>	V
Quem escreveu e ilustrou este livro	V
Relevância da obra	VI
Contribuição deste livro para a formação leitora	VIII
Propostas de mediação	XI
Um álbum de retratos especial	XI
Reparação e memória: a complexidade das relações raciais	XIII
Paratextos: compreender processos e ampliar pesquisas	XIV
Atividades e Projetos literários	XV
Atividades	
Escrita de perfis biográficos	XV
Retratos de nós	XVI
Clube de leitura: autores(as) negros(as)	XVII
Projetos	
Sarau musical	XVII
Painel sobre as principais revoltas abolicionistas do país	XVIII
Recursos complementares	XIX
Referências bibliográficas	XX



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Caro(a) educador(a) mediador(a),

Este *Caderno de sugestões do(a) educador(a) mediador(a)* é um material que contribui para sua mediação de leitura. Traz propostas e informações sobre o livro *Enciclopédia negra para jovens leitores* para os leitores dos Anos Finais do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) e a partir de 12 anos de idade. Começa com uma apresentação do livro, dos autores e da ilustradora, expondo a relevância da obra no desenvolvimento de práticas leitoras e letramentos nas escolas e bibliotecas. Depois, há propostas para apoiar a mediação de leitura, por meio de caminhos para mergulhar neste livro, além de atividades práticas e projetos literários — sempre valorizando aspectos da literatura que dialogam com as experiências de vida dos leitores. Por fim, há recursos complementares a serem explorados na mediação e as referências bibliográficas que fundamentaram a elaboração deste material.

Enciclopédia negra para jovens leitores, de Lilia Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes, com ilustrações de Suzane Lopes, apresenta 82 biografias literárias que resgatam trajetórias negras invisibilizadas pela historiografia oficial. A obra rompe com o enquadramento histórico que associa a população negra quase exclusivamente à escravização, oferecendo representações dignas e plurais de artistas, líderes, cientistas, ativistas e intelectuais. O projeto gráfico atua como reparação estética, criando retratos literários que afirmam presença, identidade e pertencimento, desconstruindo imaginários estereotipados.

Com linguagem acessível, rigor histórico e apelo visual, o livro motiva a empatia e amplia referências culturais para estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Alinhadas à Lei n. 10.639/2003, essas biografias ilustradas convidam à escuta de trajetórias silenciadas, à reflexão crítica sobre desigualdades e à construção de referências negras positivas, contribuindo para uma formação ética, cidadã e antirracista.

Este caderno foi produzido com a supervisão do Instituto Avisa Lá — Formação Continuada de Educadores, organização da sociedade civil sem fins lucrativos que vem contribuindo, desde 1986, para qualificar a prática educativa nas escolas públicas e outros espaços educativos brasileiros.

Bom trabalho!



POR QUE LER ENCICLOPÉDIA NEGRA PARA JOVENS LEITORES?

A *Enciclopédia negra para jovens leitores*, escrita por Lilia Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes, com ilustrações de Suzane Lopes, é uma obra essencial para ampliar horizontes e enriquecer a formação de leitores a partir dos 12 anos. Derivada da premiada *Enciclopédia negra: biografias afro-brasileiras*, o livro reúne 82 perfis biográficos de personalidades negras que marcaram a história do Brasil, mas que foram apagadas ou invisibilizadas pela historiografia tradicional e pelos currículos escolares.

Mais do que resgatar vidas, a obra desloca o olhar que, por muito tempo, reduziu a presença negra ao passado da escravidão. Em seu lugar, apresenta artistas, líderes comunitários, intelectuais, escritores, cientistas, religiosos, ativistas e políticos que construíram, de formas diversas, outras possibilidades de futuro e de liberdade. O arranjo em duplas de biografias — que aproximam trajetórias por áreas de atuação ou experiências de vida — favorece uma leitura aproximativa, em que os caminhos se refletem e se completam.

As ilustrações criadas por Suzane Lopes são, por si só, um gesto de reparação estética. Muitas das figuras retratadas não tiveram seus rostos preservados pela história oficial. Por isso, a artista compôs um álbum de retratos literários que afirma dignidade, diversidade e pertencimento. Os símbolos, cenários e elementos visuais utilizados reforçam a riqueza das culturas afro-brasileiras e rompem com estereótipos persistentes.

A leitura da obra contribui para a construção de uma educação antirracista, que valoriza identidades, reconhece trajetórias silenciadas e abre espaço para novos imaginários. Ao mesmo tempo, sua linguagem acessível e seu apelo visual incentivam o interesse dos leitores, convidando-os a mergulhar em narrativas que cruzam História, Arte, Literatura, Filosofia e Geografia.

Ler a *Enciclopédia negra para jovens leitores* é entrar em contato com um mosaico multifacetado de experiências e conquistas. É uma oportunidade de conhecer uma pluralidade de histórias, de ampliar referências culturais e de nutrir diálogos capazes de fortalecer o compromisso ético e cidadão dos leitores. Em tempos de combate às desigualdades e às violências raciais, essa leitura se torna um gesto de resistência.

Quem escreveu e ilustrou este livro

Um trio compõe a autoria da *Enciclopédia negra para jovens leitores*: Flávio dos Santos Gomes, Lilia Moritz Schwarcz e Suzane Lopes.



Lilia Moritz Schwarcz, historiadora e antropóloga, foi eleita imortal pela Academia Brasileira de Letras (ABL) em 2024, tornando-se a 11ª mulher a integrar a ABL desde sua fundação, em 1897. É professora titular no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP) e *Global Scholar* e *Visiting Professor* na Princeton University desde 2008. Além de professora e pesquisadora, Schwarcz tem mais de 30 livros. Entre eles, destacam-se: *O espetáculo das raças* (1993), *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos* (1998), *Lima Barreto: triste visionário* (2017) e, mais recentemente, *Imagens da branquitude: a presença da ausência* (2024).

Flávio dos Santos Gomes leciona na área de História em universidades públicas do país, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em parceria com especialistas, escreveu e organizou obras aclamadas pela crítica, tais como *O alufá Rufino* (2010), *Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil* (2015) e *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos* (2018).

Suzane Lopes, também conhecida nas redes sociais como Movimento1989, é escritora, ilustradora, *designer* e artista visual. Vive na Bahia, na região metropolitana de Salvador, e trabalha com diferentes técnicas, tanto impressas quanto digitais. Ilustrou livros infantis, jornais, revistas e campanhas publicitárias. Entre outras obras, ilustrou *Óculos de cor* (2022), vencedor do Prêmio Jabuti, *O denigo* (2023), *Festa no formigueiro* (2023), *Vovó não se lembra* (2023), *A máquina da eternidade* (2024) e *Ninho* (2024), este último também assinado como escritora.

Relevância da obra

Conforme previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, documento elaborado a partir da Lei n. 10.639/2003, “o ensino de História e de Cultura Afro-Brasileira se fará por diferentes meios [...] no decorrer do ano letivo, [...] destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social” (MEC, 2004, p. 22). Tanto por trazer perfis biográficos de personalidades negras conhecidas e menos visibilizadas quanto por fazê-lo simultaneamente à apresentação de retratos ilustrados, a presença deste livro nas escolas e bibliotecas atende as determinações dessas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Os perfis biográficos estão organizados em duplas temáticas que conectam trajetórias similares, mas de contextos históricos e profissões variadas, para facilitar o diálogo entre os biografados. Como informa o texto introdutório, “o que organiza a formação das duplas é a profissão, o estilo de vida ou a experiência dos protagonistas” (p. 5). Trata-se de um arranjo que já sinaliza o desvio da perspectiva de submissão ou marginalização. Aqui, o foco está nas trajetórias e na expressão histórica.



O texto combina rigor histórico e liberdade poética para reconstruir trajetórias de pessoas negras que marcaram a história do Brasil. Cada biografia é tratada como um convite à escuta e ao reconhecimento, favorecendo a construção de vínculos afetivos e éticos entre os leitores e os sujeitos retratados. Os perfis são acompanhados por imagens produzidas com sensibilidade para tornar visível a diversidade negra. Dado o apagamento da história de muitas dessas pessoas, diversas imagens foram produzidas a partir do imaginário da ilustradora. Assim, as ilustrações de Suzane Lopes desempenham um papel central. Elas não se limitam a reproduzir fotografias históricas; pelo contrário, compõem um álbum de retratos literários que conferem existência simbólica às personalidades negras, valorizando sua presença na história. Essa ação é uma forma de reparação estética e simbólica, desconectando o negro do estereótipo da escravidão.

A leitura da obra e as conversas que se desencadeiam a partir dela podem se configurar experiências de profunda alteridade, mobilizadas por elementos éticos e estéticos da dinâmica composicional. Em *Enciclopédia negra para jovens leitores*, um mosaico multifacetado se constrói por meio dos retratos e das informações que compõem o conjunto de perfis biográficos de artistas, ativistas, profissionais liberais, cientistas e líderes religiosos, entre outros. Os textos apresentam, de forma singular, as histórias de pessoas negras de diferentes épocas, evidenciando os momentos mais marcantes de suas trajetórias na luta pela liberdade e contra todas as formas de preconceito na sociedade brasileira.

A complexidade das relações sociais é amplamente notada nas páginas do livro, que pedem uma leitura planejada envolvendo diferentes campos do saber, como Arte, Filosofia, Geografia, História e Literatura. Nessa perspectiva interdisciplinar, o perfil diverso dos biografados e sua atuação em setores sociais variados permitem conversas, pesquisas e debates em diferentes frentes de trabalho com os jovens leitores.

Ao fazer a leitura dos verbetes sobre Abdias do Nascimento (1914-2011) e Beatriz Nascimento (1942-1995), por exemplo, que aparecem lado a lado na enciclopédia, o(a) educador(a) mediador(a) pode destacar a luta de ambos contra o racismo, realizada por meio do ativismo, da arte, da educação e das organizações sociais que fundaram e integraram — aspecto fundamental para ampliar imaginários e fortalecer a construção de novas narrativas. Além disso, diversos campos do saber podem ser mobilizados, uma vez que são apresentadas personalidades com atuação artística, cultural e política. A leitura dos perfis de Chico Rei (séc. XVIII) e Mahitica (séc. XIX), que também formam uma dupla nas páginas do livro, pode desencadear conversas centradas, sobretudo, no período histórico colonial, no sistema escravista e em suas nefastas consequências, além das diversas formas de resistência negra no país. Propostas semelhantes podem ser aplicadas, por exemplo, à leitura dos verbetes biográficos de Aqualtune e Zacimba Gaba, Chica da Silva e Catarina Mina, ou Liberata e Caetana.



Além da vasta abrangência histórica dos perfis, com personalidades do período colonial até as últimas décadas, os critérios de escolha das pessoas retratadas inclui em uma perspectiva interseccional que integra marcadores identitários como raça, classe e gênero, permitindo que lideranças que atuaram na consolidação de direitos nesses campos sejam devidamente conhecidas, como é o caso da ativista e intelectual Lélia Gonzalez (1935-1994), da artista travesti Madame Satã (1900-1976) e de Xica Manicongo (séc. XVI), símbolo da comunidade LGBTQIAPN+. Soma-se a isso a importância da presença de perfis biográficos de escritores negros, que podem ser uma porta de entrada interessante para suas obras. São exemplos Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Cruz e Souza (1861-1898), Mário de Andrade (1893-1945), Machado de Assis (1839-1908) e Lima Barreto (1881-1922).

De acordo com a formadora argentina de mediadores de leitura María Teresa Andruetto, a literatura “não é necessariamente o lugar onde encontrar o igual, às vezes é a única janela para se debruçar sobre o diferente” (2012, p. 75). Partindo desse pressuposto, a leitura do livro possibilita encontros com subjetividades singulares, forjadas por aspectos econômicos, políticos e culturais que compõem a multiplicidade de identidades consideradas brasileiras. Nesse sentido, outro elemento que corrobora a relevância da obra é a possibilidade de promover discussões em torno do combate ao racismo religioso, um tema recorrente no debate público em virtude da crescente violência contra religiosidades de matrizes africanas e afro-brasileiras. A presença de verbetes biográficos que retratam lideranças representativas de religiões de matriz africana, como Mãe Andresa (1854-1954) e Mãe Aninha (1869-1938), pode potencializar a mediação da leitura em diálogo com a experiência de vida e os conhecimentos dos leitores.

Contribuição deste livro para a formação leitora

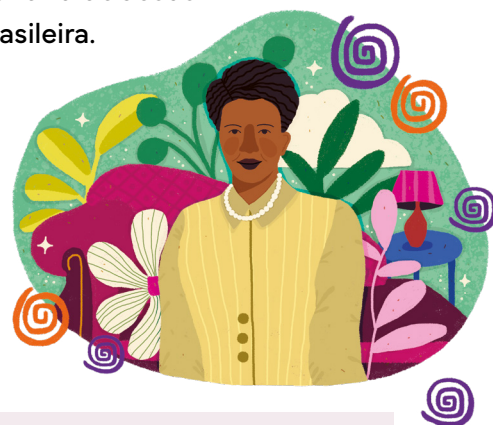
A formação leitora se dá continuamente ao longo da vida, não necessariamente de forma linear, mas integrada às experiências pessoais de cada um de nós, nos diversos âmbitos: social, emocional, político e cidadão. No caso específico dos estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, seja na escola ou no espaço da biblioteca, promover encontros com livros que dialoguem com uma diversidade de vivências e repertórios estéticos configura uma oportunidade de enriquecer a formação leitora desses jovens.

Há obras que interpelam o leitor diretamente, convocando-o a interagir com o texto. Como aponta a antropóloga e pesquisadora especialista em leitura Michèle Petit, “o leitor não consome passivamente um texto, ele se apropria dele, ou interpreta, deturpa seu sentido, desliza sua fantasia, seu desejo, suas angústias entre as linhas e as mescla com as do autor” (2013, p. 27). É justamente esse tipo de convocatória que uma obra como *Enciclopédia negra para jovens leitores* faz aos leitores, seja pela grande quantidade de narrativas sobre personalidades negras relevantes para a história do país, seja pela presença de temas fraturantes como as tensões das relações étnico-raciais em contextos marcados por processos coloniais violentos.



Trata-se de uma obra que abrange períodos históricos distintos, a partir da vida de personagens reais e atuantes em diferentes campos do saber. Esse aspecto contribui para a formação de leitores críticos, ao apresentar um amplo contexto histórico e uma seleção criteriosa de personalidades cuja atuação política e cultural foi fundamental para a construção da sociedade brasileira. Além dos exemplos já citados, podemos mencionar a relevância de se ter em uma mesma obra as biografias de Luiz Gama (1830-1882) e José do Patrocínio (1853-1905), expoentes dos movimentos abolicionistas, assim como Clementina de Jesus (c. 1900-1987) e Ismael Silva (1905-1978), expoentes da música brasileira.

As imagens das personalidades que acompanham os perfis contribuem para ampliar imaginários e percepções artísticas dos jovens leitores, uma vez que algumas personalidades são conhecidas apenas pelas documentações escritas. Além de representar visualmente essas pessoas, a ilustradora criou vestimentas e acessórios inspirados no que possivelmente usavam, considerando o contexto em que viviam. A artista faz uso de símbolos **adinkras** para acompanhar algumas imagens e preocupa-se em retratar o ambiente próprio de cada época, no cenário que aparece ao fundo de cada ilustração. Uma apreciação cuidadosa dessas imagens possibilita que se estabeleçam relações entre a vida das várias personalidades apresentadas e os elementos estéticos próprios de culturas afro-brasileiras, desvinculados dos tradicionais estereótipos.



Adinkras

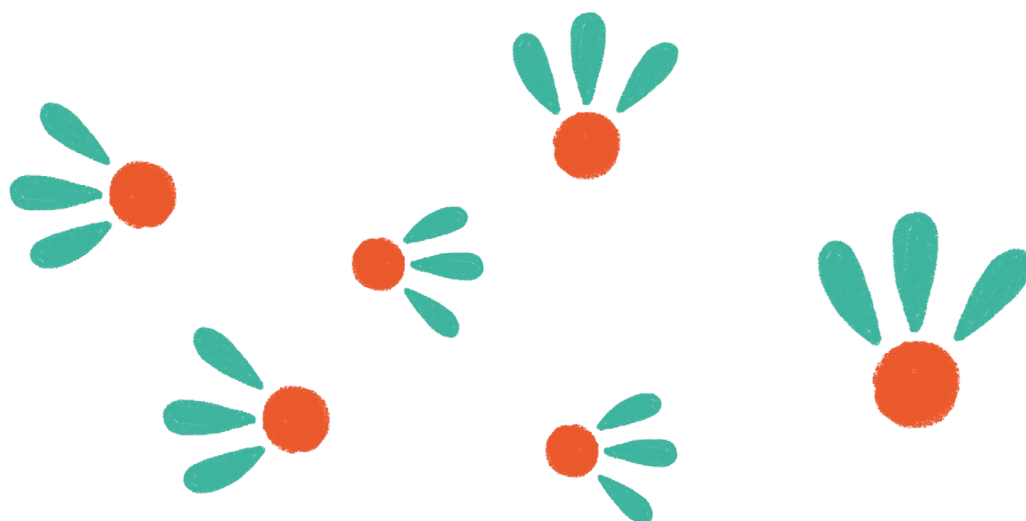
São um conjunto de símbolos pertencente ao povo Ashanti, atualmente localizado sobretudo nos países Gana, Burkina Faso e Togo, na África Ocidental. São reconhecidos como conhecimento e tecnologia ancestral africana no campo da linguagem. Trata-se de ideogramas que expressam valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais. Podem ser divididos em algumas categorias, como animais, seres humanos, objetos artesanais, corpos celestiais, plantas e ideias abstratas. Ao longo do tempo, o conjunto de símbolos sofreu alterações em relação a seus usos, além do surgimento de novas figuras, e se espalhou pelo mundo. Em função disso, passou a ser utilizado em contextos menos formais — como roupas de uso cotidiano, joias e objetos — e, no Brasil, também ganhou espaço nesses usos.



Outro aspecto que contribui para a formação de leitores é a presença de paratextos que complementam os perfis biográficos, favorecendo a discussão de aspectos fundamentais quanto aos procedimentos de pesquisa para a escrita de biografias: a importância da confiabilidade das fontes e das perspectivas políticas que definem escolhas autorais e a abrangência temporal das narrativas. Na “Introdução”, contextualiza-se o fato de haver uma publicação que dá origem a este livro, a *Enciclopédia negra: biografias afro-brasileiras* (2021), apontando diferenças entre ambas e os critérios para escolha das personalidades reunidas no livro.

Já a linha do tempo intitulada “Enciclopédia negra na história”, nas páginas finais, apresenta o arco temporal coberto pelos perfis biográficos, partindo de 1545, “Início das entradas sistemáticas de africanos escravizados no Brasil” (p. 96) e chegando até 2023, com a “publicação da Lei 14.532, que equipara a injúria racial ao crime de racismo” (p. 101). Vale notar que o traçado da linha do tempo continua após essa data, sugerindo que os leitores a completem com novos fatos, acontecimentos e personalidades negras que desejem destacar:

Uma enciclopédia é um projeto sem fim, fadado a ser incompleto. Por isso, convidamos vocês a lerem os verbetes e escreverem também os seus — novos e diferentes dos que oferecemos aqui. Só assim deixaremos de localizar as vidas negras apenas no passado da escravidão ou no presente das matérias de jornal que descrevem situações de violência (p. 5).





PROPOSTAS DE MEDIAÇÃO

Entre as modalidades de leitura, sugerimos a leitura compartilhada de alguns perfis biográficos, conforme descrição mais detalhada a seguir, e também a leitura autônoma pelos participantes. Destacam-se algumas chaves de leitura de acordo com a formulação da crítica literária argentina Cecilia Bajour (2012), isto é, modos de adentrar na obra e iniciar um diálogo com os leitores, expandindo e orientando o encontro com o livro: a apreciação das imagens criadas para ilustrar cada um dos biografados; a temática das relações étnico-raciais, suas tensões e complexidades, presentes nos perfis; e os paratextos, que trazem informações complementares e podem desencadear reflexões.

Como provoca Bajour:

[...] escutar, assim como ler, tem que ver com a vontade, com a disposição para aceitar e apreciar a palavra dos outros em toda a sua complexidade, isto é, não é só aquilo que esperamos, que nos tranquiliza ou coincide com nossos sentidos, mas também o que diverge de nossas interpretações e visões de mundo (2012, p. 24).

É recomendável que as diferentes formas de iniciar a leitura reservem espaço para o livre comentar de todos os envolvidos, deixando circular a palavra e as percepções de cada um, sempre respeitosamente.

Um álbum de retratos especial

A artista visual Suzane Lopes criou imagens para representar cada um dos biografados, incluindo elementos gráficos próprios das culturas afro-brasileiras, além de cenários que contextualizam tempo e espaço. Trata-se de uma escolha intencional, que prioriza a linguagem artística em um contexto em que ela faz ainda mais sentido, uma vez que não há grande quantidade de documentos históricos disponíveis sobre grande parte da população negra do país, sobretudo a que chegou ao Brasil no período colonial ou que nasceu no pós-abolição. Dessa forma, as imagens formam uma composição com os perfis biográficos, oferecendo aos leitores a possibilidade de reconstituir existências singulares, ampliando percepções e imaginários a respeito delas.

As feições de muitos desses personagens foram apagadas da história. Por isso, as ilustrações compõem um belíssimo álbum de retratos literários. Em uma época de grande produção e disseminação de informações deturpadas, incorretas e até falsas, esta obra contribui para conformar um seguro repositório de experiências individuais e coletivas ao qual — como pessoas e como sociedade — podemos recorrer em busca de inspiração, orientação e sonhos de futuro.



Pode-se propor uma roda de apreciação das imagens, partindo das ilustrações da capa e da contracapa do livro, e abrindo espaço para livres comentários dos participantes, de modo que o(a) educador(a) mediador(a) consiga identificar quais aspectos destacam, corroborando com contribuições pessoais que possam ampliar as percepções. Em seguida, a leitura compartilhada dos perfis de Esperança Garcia (séc. XVIII) e Luiz Gama (1830-1882) pode ser realizada para verificar se as hipóteses que levantaram sobre essas pessoas, a partir da apreciação das imagens, se confirmam ou não, e para que se familiarizem com a linguagem das biografias, identificando características comuns, como a apresentação do nome completo, seguido das datas de nascimento e morte.

Vale ressaltar que a composição dos retratos tal como aparece no livro foi pensada, justamente, para combater um imaginário racista que, muitas vezes, reitera a falsa ideia de que todas as pessoas negras sejam parecidas ou possuam determinados estereótipos físicos. A variedade de pessoas negras ilustradas revela não apenas distintas tonalidades de cor de pele, mas também fisionomias diversas; vestimentas, objetos e acessórios específicos de cada contexto histórico; e símbolos adinkras, cujo significado reverbera a atuação dessas personalidades ilustres.

Um aspecto que pode ser salientado pelo(a) educador(a) mediador(a) é a identificação de elementos da vida dessas pessoas que estejam presentes em cada ilustração. Isso pode ser feito em duplas ou grupos, por exemplo, que farão a leitura dos perfis biográficos e depois a observação dos retratos, buscando estabelecer relações entre ambos. Nesse caso, o(a) educador(a) mediador(a) pode circular pelo ambiente, verificando o que o grupo está conseguindo observar e apoiando com informações complementares.

Por exemplo, a ilustração que retrata o intelectual e ativista Abdias do Nascimento traz um elemento que merece destaque, já que amplia as informações contidas no texto: trata-se da referência a uma de suas obras, *Okê Oxóssi* (1970), no cenário que compõe o fundo da ilustração. A obra é uma espécie de releitura da bandeira nacional, na qual o artista substituiu a frase “Ordem e Progresso” pela saudação iorubá “Okê”, em referência ao orixá Oxóssi, associado à caça e à cura. Criada durante o exílio de Nascimento, em plena ditadura militar, a obra contém um arco e uma flecha, símbolos de Oxóssi, propondo uma nacionalidade vinculada à luta dos povos originários e à resistência negra. Essas são informações que não se encontram no texto e que podem ser compartilhadas com os leitores, com uma apreciação coletiva da obra referenciada na ilustração.





Reparação e memória: a complexidade das relações raciais

Ao mediar a leitura deste livro, é inevitável abordar a complexidade das relações raciais no país, marcadas por extrema desigualdade e práticas racistas seculares, uma vez que, desde o título, o recorte racial se faz presente. Trata-se não apenas de um aspecto temático preponderante nos perfis biográficos, sob um viés ético bem demarcado, mas também de um elemento estético dos retratos criados pela ilustradora. A abordagem crítica das relações raciais no país prevalece em toda a obra, visto que a perspectiva é justamente a da reparação histórica, como já apontado.

Uma sugestão para dar início à conversa sobre as relações raciais é perguntar aos leitores quais personalidades negras que marcaram a história do país eles conhecem. Pode ser que mencionem algumas das pessoas ilustradas na obra e, nesse caso, é interessante incentivar a leitura das biografias correspondentes, usando o sumário para localizar os textos. A leitura desses perfis pode ser feita de forma compartilhada, comentando, em seguida, quais informações descobriram, se houve algo que os surpreendeu etc.

É possível que mencionem apenas pessoas negras vivas, com exposição midiática, não presentes no livro. Se for o caso, pode-se aproveitar para fazer um contraponto com o critério adotado na elaboração da *Enciclopédia negra para jovens leitores*: incluir somente biografias de pessoas já falecidas, questionando se o grupo havia notado esse detalhe.

Algumas estratégias podem ser adotadas para que os leitores decidam quais perfis lerão. Uma opção é escolher qual campo de atuação gostariam de priorizar — música, teatro, literatura, religião, política —, cabendo ao(à) educador(a) mediador(a) indicar os nomes que podem atender a demanda levantada pelo grupo. Uma alternativa é selecionar os biografados pelo período histórico indicado entre parênteses, junto ao nome de cada um.

Os jovens leitores podem ser convidados a selecionar informações importantes sobre as personalidades — informações que revelem os principais fatos mencionados no texto quanto às relações inter-raciais — para compartilhar oralmente, fazendo circular o conhecimento e levantando problematizações a serem debatidas, de modo respeitoso, entre todos. Como há perfis de pessoas escravizadas que viveram situações de violência e sofrimento, um cuidado importante pode ser equilibrar as escolhas de modo que conheçam, também, lideranças negras que levaram a cabo movimentos de resistência em diferentes períodos históricos. São exemplos: Abdias do Nascimento, Beatriz Nascimento, Carlos Marighella, Dandara, João Cândido, Francisco José do Nascimento, Luiz Gama, Milton Santos e Zumbi.



Paratextos: compreender processos e ampliar pesquisas

Os paratextos da obra contribuem para que os leitores compreendam os processos de pesquisa envolvidos na produção do livro, ampliando suas percepções acerca das consequências negativas do sistema colonialista empreendido no país. Apagamentos e silenciamentos da população negra dificultaram a escrita de alguns perfis, exigindo a utilização de procedimentos de pesquisa mais complexos, capazes de reconstituir fatos e experiências vividos pelos sujeitos biografados.

A leitura compartilhada da “Introdução”, por exemplo, pode ser feita destacando-se os trechos que se referem, especificamente, aos processos de pesquisa, tais como alguns parágrafos iniciais do texto:

[...] a nossa historiografia, durante muito tempo, foi feita apenas de narrativas com protagonismos quase exclusivamente brancos, europeus, masculinos.

[...] E agora chegou a hora de convidarmos vocês para essa nossa grande festa por um Brasil mais amplo, plural e onde caibam todas e todos nós (p. 4).

Do mesmo modo, a consulta à linha do tempo das páginas finais permitirá discussões a respeito das revoltas organizadas pela população negra durante o período colonial, além das políticas públicas implementadas nas últimas décadas em prol do combate sistemático às formas de racismo na contemporaneidade, de modo que os leitores apurem o senso crítico para as questões raciais tal como se apresentam no país. Entre os exemplos que podem ser problematizados para aprofundar as discussões com a complexidade que o tema exige, estão a Revolta dos Marimbondos, ocorrida em Pernambuco e com duração de aproximadamente dois anos; a Lei Eusébio de Queirós, que proibiu definitivamente o tráfico atlântico de pessoas escravizadas; a Revolta Quilombola em Vassouras, no Rio de Janeiro; e, mais recentemente, a promulgação da Lei 14.532, que equipara a injúria racial ao crime de racismo.

Ao nomear o genocídio da população negra como prática racista, os organizadores ensejam conversas sobre essa questão sensível da sociedade brasileira, permitindo que os leitores reflitam e se manifestem. Como defende a escritora Sonia Rosa (2024):

[...] identificar e nomear o racismo é fundamental. Ter a consciência da presença nefasta dele, dentro e fora da escola [...] precisa ser o compromisso pessoal e também a responsabilidade social de todos nós de não contribuir, sob nenhum aspecto, para que ele se perpetue (p. 20).



ATIVIDADES E PROJETOS LITERÁRIOS

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, espera-se que os estudantes já sejam leitores fluentes, capazes de aprofundar suas experiências com a literatura, ampliando repertórios, compreendendo textos mais complexos e desenvolvendo uma postura crítica diante do que leem. Nas escolas, cabe promover práticas sistemáticas que incentivem a leitura autônoma e o debate interpretativo. Já nas bibliotecas, onde os acessos e agrupamentos são mais flexíveis, as mediações podem favorecer o engajamento dos leitores por meio da partilha de leituras e da construção coletiva de sentidos, criando vínculos que fortalecem a relação com os livros e com os outros. As atividades e projetos sugeridos neste caderno podem ser adaptados a diferentes contextos, sempre com o compromisso de afirmar a leitura como prática cultural, crítica e socialmente significativa.

Atividade **Escrita de perfis biográficos**

Com base na leitura de trechos do paratexto “Enciclopédia negra na história”, pode-se iniciar uma conversa sobre lideranças negras que atuaram nos movimentos negros pós-abolicionistas do Brasil, convidando os leitores a uma pesquisa sobre o assunto em notícias, reportagens, *sites* e outras enciclopédias. São especialmente importantes para iniciar essa conversa os acontecimentos de 1944, com a criação do Teatro Experimental do Negro por iniciativa de Abdias Nascimento, e de 1978, com o surgimento do Movimento Negro Unificado e a publicação do primeiro volume da série *Cadernos Negros*.

Depois de lê-los, pode-se voltar aos perfis de pessoas vinculadas a esses acontecimentos, em uma leitura compartilhada, para que então sejam levantadas as personalidades que terão os perfis biográficos aprofundados e registrados. Vale tanto partir de nomes que já integram a *Enciclopédia negra para jovens leitores* quanto ampliar para sujeitos ainda vivos.

A produção dos textos pode ser feita em duplas, trios ou grupos, com cuidado para que a pesquisa seja feita em fontes confiáveis e procurando garantir uma diversidade nos perfis biografados, tal como ocorre com os perfis da *Enciclopédia negra para jovens leitores*. O formato dos textos pode seguir o mesmo padrão do livro, trazendo os nomes completos como título, acompanhados das datas de nascimento e morte. Uma vez prontos e revisados pelo(a) educador(a) mediador(a), os textos podem ser compartilhados entre os participantes, decidindo-se coletivamente se é o caso de expor os perfis para outros públicos e em que formato.



Atividade **Retratos de nós**

Os retratos literários da ilustradora Suzane Lopes podem ser inspiradores para a criação de retratos pelos leitores, registrando suas marcas pessoais. Ao propor essa atividade à turma, o(a) educador(a) mediador(a) pode destacar o papel do registro como forma de preservação da memória, ressaltando a importância de impedir o apagamento de vidas e histórias em razão do racismo e das disputas de poder.

A apreciação detalhada dos retratos criados por Suzane Lopes pode servir de referência artística para a elaboração dos autorretratos, destacando aspectos como o cenário escolhido para compor o fundo, os acessórios e vestimentas representados nas imagens, bem como a inserção de símbolos que possam funcionar como ornamentos, a exemplo dos adinkras.



Uma sugestão é que os autorretratos sejam produzidos com o auxílio de um pequeno espelho, diante do qual os leitores se posicionam para criar suas expressões artísticas. Vale enfatizar que as habilidades artísticas não são o foco principal da atividade, mas sim a construção de imaginários e o processo envolvendo discussões étnico-raciais. Além disso, a apreciação da técnica usada pela ilustradora na obra pode servir de inspiração. Ainda assim, os leitores podem escolher outros materiais com os quais se sintam mais confortáveis para trabalhar, seja papel, tela e tinta ou outros materiais para compor colagens ou pequenas esculturas, além de tecidos para os que preferem a costura ou o bordado, por exemplo. Caso optem pelos retratos ilustrados, a produção pode ser feita em duplas. Trata-se de uma troca que exige cumplicidade e proximidade entre os participantes, cabendo ao(a) educador(a) mediador(a) avaliar a melhor forma de agrupá-los.

A organização de um mural com os autorretratos ou retratos produzidos pelo grupo pode ser uma boa maneira de finalizar a atividade. Ao lado de cada produção, podem ser colocados os retratos das personalidades das biografias literárias que inspiraram as composições, possibilitando que mais pessoas tenham acesso a essas obras.



Atividade **Clube de leitura: autores(as) negros(as)**

A leitura de perfis biográficos de autores(as) negros(as) pode levar à proposta de um Clube de Leitura específico para explorar obras literárias. Entre aqueles presentes na *Enciclopédia negra para jovens leitores*, podemos destacar: com vasta obra em prosa e verso, Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus (p. 48), esta considerada a primeira romancista negra do Brasil; Machado de Assis e Lima Barreto (p. 73), com obras ficcionais significativas em prosa, além de diários e outros gêneros literários.

Assim, a leitura da biografia desses escritores pode ajudar o grupo a escolher as obras que serão lidas nos encontros do Clube de Leitura, de modo a contemplar a maior diversidade possível de gêneros literários, temas e contextos históricos. A periodicidade das leituras e o formato dos encontros para discussão das obras são aspectos a serem decididos coletivamente, envolvendo os jovens leitores e conferindo-lhes protagonismo na organização e condução das conversas.

A produção de um mural com indicações das obras lidas nos encontros — indicações produzidas coletivamente ou em grupos — pode incentivar a participação de outros leitores. Ao lado dos textos, podem ser incluídos trechos dos perfis biográficos dos autores, favorecendo também a divulgação da *Enciclopédia negra para jovens leitores* para potenciais leitores.

Projeto **Sarau musical**

Entre as personalidades negras retratadas nos perfis, há vários artistas da música, como compositores e intérpretes, representando diferentes estilos musicais: Cartola (p. 52), Chiquinha Gonzaga (p. 58), Clementina de Jesus e Ismael Silva (p. 66), Inácio da Catingueira e Itamar Assumpção (p. 24), Ivone Lara e Batatinha (p. 78). É possível que alguns não sejam familiares aos jovens leitores, já que parte desses artistas alcançou sucesso em épocas anteriores, ao passo que outros foram reconhecidos apenas postumamente.

Para compor o sarau artístico-musical, pode-se propor a leitura dos perfis biográficos, a escuta de algumas canções compostas ou interpretadas por eles e a apreciação de vídeos em que apareçam se apresentando ou sendo entrevistados. Os leitores podem ser convidados a apresentar artistas musicais não incluídos na *Enciclopédia negra para jovens leitores*, destacando expoentes de estilos de sua preferência, como funk, rap, samba ou rock.

A ideia é ampliar a construção dessa enciclopédia com o repertório dos leitores, bem como trabalhar a relação entre músicos contemporâneos e o legado musical negro do país. Como produto desse projeto, pode-se elaborar um mural que reúna duplas de músicos: um já biografado no livro e um artista contemporâneo que se conecte à obra do primeiro.



Projeto **Painel sobre as principais revoltas abolicionistas do país**

Em materiais didáticos sobre o período colonial e o pós-abolição, é comum que a população negra seja representada prioritariamente em posição escravizada e em situações de sofrimento. Isso reforça um imaginário equivocado de que não houve resistência por parte dos negros nesses períodos históricos. Um dos méritos da *Enciclopédia negra para jovens leitores* é sua contribuição para descolonizar a visão histórica e esse imaginário, apresentando importantes lideranças negras atuantes em revoltas e movimentos abolicionistas, de modo a permitir que os leitores revisem conhecimentos que eventualmente tenham sido transmitidos com uma perspectiva colonialista.

Uma busca na linha do tempo pode ajudar a localizar personalidades para integrar a composição de painéis sobre as principais revoltas abolicionistas mencionadas na obra, como a revolta de escravizados em Carrancas, Minas Gerais, em 1833; a revolta quilombola em Vassouras, Rio de Janeiro, em 1838; a revolta do Queimado, no Espírito Santo, em 1849; a revolta dos escravizados de Serro, Minas Gerais, em 1864; e a revolta quilombola de Viana, Maranhão, em 1867.

A pesquisa das imagens precisa ser feita de modo cuidadoso, com acompanhamento do(a) educador(a) mediador(a), sobretudo no que diz respeito à confiabilidade das fontes de consulta. Vale ressaltar que a leitura da obra pode desencadear interesse em saber mais sobre algumas das revoltas. É importante que os participantes busquem informações com base em perguntas que mobilizem a curiosidade.

“A partir dos conhecimentos acumulados, o que vocês gostariam de investigar?” pode ser o mote da pesquisa. Com as descobertas, uma nova discussão se faz necessária: o que selecionar para compartilhar com o público que apreciará os painéis? Considerando o perfil do destinatário — e sabendo que, nas bibliotecas, o público é mais diverso e na escola é formado pela comunidade local —, quais informações consideram relevantes para compor os painéis? Pode ser enriquecedora a inclusão de imagens variadas com legendas, além de breves verbetes explicativos sobre o assunto tratado.

Com os painéis prontos, pode-se organizar um dia para receber o público. Assim, os leitores terão a chance de compartilhar o que aprenderam. Além disso, pode-se informar, no convite da exposição, quanto tempo os materiais ficarão expostos para visita da comunidade.



RECURSOS COMPLEMENTARES

De Elza a Gonzaga — reportagem

NOVABRASIL. De Elza a Gonzaga: ouça a história de 11 artistas negros brasileiros. Música. Novabrazil, São Paulo, 20 nov. 2022. Disponível em: <https://novabrazilfm.com.br/notas-musicais/de-elza-a-gonzaga-ouca-a-historia-de-11-artistas-negros-brasileiros>. Acesso em: 26 maio 2026.

A rádio Novabrazil apresenta a série “Acervo MPB”, com audiobiografias de onze grandes talentos negros da música brasileira, de Alcione a Luiz Gonzaga. A proposta ressalta a relevância cultural da música como forma de resistência e afirmação diante do apagamento histórico e do racismo, celebrando a contribuição indispensável desses artistas para a identidade cultural do país.

Enciclopédia Negra — site

PINACOTECA. Enciclopédia Negra. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/enciclopedia-negra/>. Acesso em: 26 maio 2026.

Página sobre a exposição *Enciclopédia Negra*, realizada na Pinacoteca de São Paulo, em 2021, como desdobramento da publicação do livro de mesmo nome. Há informações complementares sobre as obras e os artistas cujos retratos compõem o livro, além da apresentação de novas obras que podem contribuir para a ampliação do imaginário dos jovens leitores.

Enciclopédia Negra: um livro de muitas mãos, mentes e vidas — artigo

GUALBERTO, Tiago. Enciclopédia Negra: um livro de muitas mãos, mentes e vidas. ARTE!Brasileiros, [s. l.], 16 jun. 2021. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/livro/enciclopedia-negra/>. Acesso em: 26 maio 2026.

Trata-se de um artigo escrito por um premiado artista negro, Tiago Gualberto, destacando a importância do livro *Enciclopédia Negra*, sobretudo por seu aspecto democrático e caráter coletivo, da organização editorial às escolhas dos perfis biografados.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. Tradução: Carmem Cacciacarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/base-mec>. Acesso em: 11 jun. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/diretrizes-etn>. Acesso em: 11 jun. 2026.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

ROSA, Sonia. Casa de palavra preta: o protagonismo negro na Literatura Infantil. In: LICÁ, Márcia (org.). *Infâncias e leituras: presenças negras e indígenas na literatura infantil*. São Paulo: Pulo do Gato, 2024.

VELOSO, Abraão. Tecnologia Ancestral Africana: Símbolos Adinkra. *Espaço do Conhecimento UFMG* [Belo Horizonte], 16 ago. 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/simbol-adinkra>. Acesso em: 26 maio 2026.